

Interações sociais, personagens femininas e construção da imagem imperial no principado de Nero

Sarah Fernandes Lino de Azevedo*

Resumo

Nesta pesquisa, pretendemos demonstrar como se dá o processo da construção da imagem do Imperador Nero, assim como de seu governo (54-68 d.C.), a partir de análises das interações sociais nas fontes referentes ao período neroniano, enfatizando as relações interpessoais estabelecidas com personagens femininas. A principal fonte analisada são os *Anais* de Tácito. Pretendemos compreender como estas relações interpessoais, privadas ou públicas, interferiram na política do principado. Como se constituíam as relações de poder dentro da corte, e como as mulheres, mesmo sem possuir direitos políticos, influenciaram em decisões políticas. Qual a importância política ou social dessas mulheres no relato de Tácito? Como a historiografia trata a influência política (ou a ausência) das mulheres no Império Romano? Como apreender a conexão entre as formas de hierarquias sociais e políticas formais e informais em que estavam inseridas? Assim, pretendemos ainda compreender como Tácito, através de mecanismos retóricos, construiu em seu relato, uma imagem tanto do imperador quanto de seu governo, e como associou as personagens femininas com essa imagem de governo.

Interações sociais, personagens femininas e construção da imagem imperial no principado de Nero

Esta pesquisa discute a construção da imagem do Imperador Romano Nero, assim como de seu governo, a partir de análises das interações sociais na narrativa dos *Anais* de Tácito, enfatizando as relações interpessoais estabelecidas com personagens femininas.

Alguns objetivos da pesquisa são compreender como estas relações interpessoais, privadas ou públicas, interferiram na política do principado. Como se constituíam as relações de poder dentro da corte, e como as mulheres, mesmo sem possuir direitos políticos, influenciaram em decisões políticas. Qual a importância política ou social dessas mulheres no relato de Tácito? Como a historiografia trata a influência política (ou a ausência) das mulheres no Império Romano? Como apreender a conexão entre as formas de hierarquias sociais e políticas formais e informais em que estavam inseridas? São algumas perguntas que pretendemos responder em nossa pesquisa. Para isso, nossa chave de análise é que Tácito, através de mecanismos retóricos, construiu em seu relato uma imagem tanto do imperador quanto de seu governo, e associou as personagens femininas com essa imagem de governo.

* Universidade Federal de Ouro Preto – Mestranda. **Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).**

As personagens femininas que aparecem com mais frequência na narrativa são Agripina (mãe de Nero), Octávia (primeira esposa), Popéia (segunda esposa) e Acte (liberta que possivelmente foi sua amante durante todo o seu reinado).

Os *Anais* nos parecem interessantes para estudar interações sociais sob o Império Romano. Interações que particularmente nos chamam a atenção quando estão associadas à construção de uma imagem de governo. Tácito faz uma apreciação moral de pessoas e eventos. Percebemos que a associação ou dissociação das personagens femininas com certos eventos ou pessoas redundam em uma avaliação moral positiva ou negativa. Este seria um mecanismo retórico que Tácito utiliza para construir uma imagem negativa de Nero. Partimos do pressuposto que algumas interações sociais, relações interpessoais que estão no relato de Tácito, representam mecanismos retóricos, elementos utilizados para caracterizar e construir uma avaliação, portanto uma imagem, positiva ou negativa. É de fundamental importância entender como estas relações interpessoais, públicas ou privadas, interferiram na política do império. Apreender como pessoas sem legitimidade política, como no caso das mulheres, acumularam poder e influenciaram em decisões de Estado.

Nos *Anais*, notamos que em grande parte da narrativa Tácito se ocupa com relatos de acontecimentos da casa imperial. A condução do Império é dada pelas relações interpessoais, dentro da corte, onde pessoas de condições muito diversas, com ou sem legitimidade política institucional, conviviam. Tácito mostra que o acesso ao governante se dava de duas maneiras: por mérito ou adulação. Nossa hipótese é que demonstrando como as pessoas próximas ao governante tinham acesso a este, e quais tipos de pessoas eram estas, Tácito caracterizaria não só a personalidade do governante, como também o governo, fornecendo ao leitor uma imagem positiva ou negativa daquele governo pela apresentação do governante e seus vícios, associada ao perfil daqueles que lhe eram próximos.

No Império, a *Domus Caesaris* era um espaço tanto público, quanto privado. Público porque, diferente da República, onde o principal espaço político era o Fórum, no Império o espaço da administração política por excelência era a casa imperial. Assim, o limite entre público e privado dentro da casa imperial era indefinido. Por muitas vezes Tácito nos mostra isto em sua narrativa. O privado se tornava público na medida em que decisões públicas eram tomadas a partir de influências derivadas das relações privadas do imperador com pessoas com ou sem legitimidade política para participar destas deliberações. O imperador, além de ser figura pública, era também um *paterfamilias* de uma família privada. Assim, decisões privadas da casa imperial, por vezes se tornavam públicas. Quando Tácito relata como Nero se relacionava com sua mãe, esposas ou amantes, não estaria tratando meramente de relações

privadas, familiares, mas sim apresentando elementos para a avaliação de seu governo. Mais do que isso, Tácito demonstra como as mulheres que conviviam na corte, mesmos sem direitos políticos, foram muito influentes, mesmo que agindo apenas informalmente. Para um exemplo extremo, pode-se citar o papel que Agripina teria desempenhado na transição do principado de Cláudio (seu marido) para o principado de Nero (seu filho). Agripina teria sido a articuladora do assassinato de seu marido e cada detalhe para que ocorresse a aclamação de seu filho, quer eliminando outros pretendentes, quer construindo o percurso e momento exato de anúncio da morte de Cláudio e a apresentação de Nero, em momento oportuno e por pessoa acertada, para a guarda pretoriana que o aclamaria. O poder que uma mulher pode ter a partir do interior da *domus* pode ser vividamente percebido pela leitura do capítulo 68 do livro XII. Cláudio já está morto. Foi assassinado a mando de Agripina que lhe serviu cogumelos – uma de suas comidas preferidas – envenenados e depois ordenou que o médico do imperador, que também estava a seu serviço, acabasse de envenená-lo a pretexto de lhe salvar. Então, Tácito constrói sua narração com as seguintes palavras:

“Entretanto já se tinha convocado o Senado; os cônsules e os sacerdotes faziam prece aos deuses pela saúde e vida do príncipe, que já não existia; mas a quem ainda sobrecarregavam muita roupa, e faziam muitas fomentações, tudo para ganhar tempo, e preparar as coisas de um modo que Nero fosse aclamado imperador. O primeiro cuidado de Agripina foi, portanto, o de distrair a Britânico; e fingindo-se na mais dolorosa agonia, e como quem buscava achar consolações, abraçava-se estreitamente com ele, dizia-lhe que era um verdadeiro retrato do pai, e por tais artifícios assim o soube entreter para que não saísse do seu quarto. Com intenções semelhantes também conseguiu desviar as duas irmãs do mancebo, Antônio e Octávia; e tendo sentinela a todas as portas, constantemente fazia publicar que ia melhor a saúde do príncipe para assim conservar sempre com lisonjeiras esperanças a tropa e dar tempo a que os oráculos Caldaícos marcassem o instante favorável.”¹

Nos *Anais*, do final do Livro XII (capítulo 69) até o final do Livro XVI (capítulo 35), parte que corresponde ao relato do principado de Nero, Tácito cita não menos que 43 mulheres. Nem todas estas mulheres aparecem na narrativa diretamente relacionadas ao imperador, mas algumas, mesmo estando um pouco distante da convivência na *domus* imperial, interferiram de algum modo na política do principado, e ganharam lugar na narrativa de Tácito. Um bom exemplo é a esposa do liberto Milicho, mulher indiretamente responsável pela revelação de uma conspiração contra o imperador. Tácito conta que o liberto Milicho tem conhecimento da conspiração porque seu senhor, Cevino, era um dos conspiradores. Milicho,

¹ “Vocabatur ínterim senatus uotaque pro incolumitate principis consules et sacerdotes nuncupabant, cum iam exanimis uestibus et fomentis obtegetur, dum quae res forent firmando Neronis império componuntur. Iam primum Agrippina, uelut dolore uicta et solacia conquirens, tenere amplexu Britannicum, ueram paterni oris effigiem appellare ac uariis artibus demorari ne cubículo egrederetur. Antoniam quoque et Octauiam sórores eius attinuit, et cunctos aditus custodiis clauserat, crebroque uulgabat ire in melius ualetudinem principis, quo miles bona in spe ageret tempusque prosperum ex monitis Chaldaeorum aduentaret.”

indeciso se denuncia ou não Cevino, resolve pedir conselhos à sua mulher. Como relata Tácito, “conselho de mulher, portanto o pior.”²

Em termos jurídicos, a condição da mulher romana era bem definida. Viviam sob a *patria potestas* (poder paterno) de um *paterfamilias*, não tinham direitos de participação político-institucional formal.³ Esse preceito jurídico informou boa parte das interpretações sobre o papel das mulheres em Roma. Para os historiadores, tradicionalmente, as mulheres não eram objeto de análise, ou eram apenas apresentadas como elementos ausentes da vida da cidade, agindo a reboque da vontade de seus maridos ou pais.

As mudanças da condição jurídica das mulheres ao longo do século XX, indo do direito ao voto até a sua progressiva emancipação, chegando aos dias de hoje, quando não menos que a absoluta equiparação entre os gêneros é esperada, levou a uma progressiva alteração também do olhar dos historiadores a respeito das mulheres ao longo da história.⁴ Foi, portanto, um novo lugar da mulher no presente que levou a história a lançar um novo olhar sobre as diversas sociedades do passado, desenvolvendo novas interpretações que respondessem às inquietações de nossa sociedade.

As mulheres não tinham direitos políticos, mas elas tinham influência no império. De onde vem esse poder que Tácito mostra tão claramente sendo exercido por mulheres sob o Principado de Nero? Uma chave de análise cada vez mais presente nas pesquisas históricas aponta para a presença constante da mulher dentro da *domus* como sendo fonte de poder. No interior da casa, tem contato com todas as pessoas que transitam nesta e a quem pode fazer submeter sob os laços de clientela ou se aliar sob o vínculo da amizade. Esta possibilidade passa a ser largamente acionada pelas mulheres das grandes casas no século I d.C. quando se testemunha uma crescente autonomia das mulheres após o período das Guerras Civis, especialmente em função da aparição de um número de viúvas que parecia expressivo aos contemporâneos e que tomaram a direção de algumas casas⁵.

No que se refere ao nosso caso específico de estudo, é importante ressaltar ainda que o Imperador é também o *paterfamilias* de uma *domus*. E, como nas demais *domus*, as mulheres desenvolvem uma sociabilidade intensa tanto com os demais moradores quanto com os seus visitantes. Ocorre que no caso da *domus Caesaris* os moradores são a *familia* imperial,

² “*Consilium muliebre ac deterius*” Tac. Ann. XV. 54, 5.

³ VEYNE, Paul. “O Império Romano”, in Philippe Ariès e Georges Duby (Org.), *História da Vida Privada*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1990, pp. 19-223.

⁴ SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero, *Revista Brasileira de História*, nº 54. São Paulo, 2007, pp. 281-300.

⁵ TREGGIARI, Susan. Women in the time of Augustus. In: GALINSKY, Karl (ed.) *The Cambridge companion to the age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 130-147.

incluídos aí os escravos e libertos que em larga medida respondiam pela gestão do Estado em nome de seu senhor/patrono, além do próprio imperador. Assim sendo, as mulheres que aí residiam, especialmente aquelas que tinham relações mais próximas com o Imperador, podiam procurar obter influência tanto sobre o soberano quanto sobre seus auxiliares⁶, especialmente aqueles de origem servil, de quem era *domina*, no caso dos escravos, ou *patrona*, dos libertos. Isso, sem dúvida, era fonte de um poder nada desprezível. Por outro lado, para as pessoas das demais *domus*, notadamente aqueles que pretendiam fazer parte da corte de um Imperador, apresentava-se como um diferencial importante ser bem visto por estas mulheres. Isso também podia ser transformado por elas em fonte de poder. Em resumo, às mulheres da corte era propiciado algo que todos da elite desejavam: conviver com o Imperador e seus auxiliares diretos e poder influenciar as suas decisões.

Na historiografia, a influência política das mulheres na corte neste período é percebida de duas maneiras, ambas derivadas da sua relação com o universo masculino. Ou bem a mulher conquista espaço político a partir da negação do poder masculino (*patria potestas*), agindo de maneira a ser classificada como imoral, ou bem a mulher é reconhecida como agente político pela historiografia, mesmo sem possuir tais direitos, porque interage com outros agentes.

Nossa hipótese é que algumas mulheres se aproximam dos homens para exercer o poder político que lhes é negado do ponto de vista formal enquanto outras se ajustam ao modelo tradicional de mulher submissa e silenciosa para ganhar estima pública.

A submissão como forma de promoção de uma alternativa de atuação política não é considerada pela historiografia. O exemplo de Octávia nos parece paradigmático de que as alternativas submissão e autonomia não se opõem no relato de Tácito. Lembramos que este historiador pretendia lembrar aqueles *exempla* que deveriam ser evitados e envergonhar para sempre a posteridade, mas também alguns poucos que eram merecedores de loas em um tempo infausto. Octávia é desenhada por Tácito como uma esposa à moda antiga: silenciosa, submissa, indiferente aos maus tratos de seu marido. Quando ela é repudiada por Nero, assiste-se a um levantamento popular em Roma contra sua nova esposa, Popeia, e de reivindicação de restabelecimento do casamento.⁷ Este poder de mobilização não é visto em

⁶ GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Um olhar sobre Júlia Domna: Esposa e Mãe de Imperadores. In: FUNARI, A.P.P.; FEITOSA, L.C. & SILVA, G. J.(Orgs.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

⁷ Após o divórcio, Tácito nos relata que “Entraram então a ser contínuas e públicas as murmurações e desgostos do povo, que sempre é menos prudente, e que, por ter pouco o que perder, também corre sempre menos perigos. Nero obrigado destas razões, e não por estar de modo algum arrependido, tornou enfim a chamar sua mulher Octávia. Sabida esta notícia, concorrem todos ao Capitólio a dar graças aos deuses, derribam as estátuas de Popéia, e levam aos ombros as imagens de

nenhum episódio envolvendo mulheres – nem mesmo quando do matricídio, apesar dos temores de Nero quanto a isto.

As mulheres que optam por utilizar da *domus* como ambiente primário de construção de seu poderio não só influenciam as decisões políticas através de relações no âmbito privado e informal, como algumas exercem poder, tomando decisões em nome de quem teria legitimidade política ou acumulam poder de tal forma que agem por si mesmas. Muitas vezes, exercem influência em assuntos de interesse para os homens, sejam eles seus filhos ou maridos. Ou conquistam autonomia, agindo a favor destes homens que estão próximos, e desta maneira agindo também a favor de seus interesses e, com isto, sendo estimuladas a atuar como homens. Nosso melhor exemplo é Agripina, mãe de Nero. Segundo Tácito, Agripina manda envenenar Cláudio, seu marido e então imperador, para dar o Império a seu filho. Agripina tem muito cuidado ao escolher as pessoas que ocupariam cargos estratégicos na política do Império, assim ela cria um pólo de poder tão coeso, que, no início do principado, ela praticamente governa junto ao Imperador e seus conselheiros, e até toma decisões políticas sem que Nero fosse informado. Assim, aos poucos Tácito constrói uma imagem de um governador fraco, dirigido por mulheres auxiliadas por escravos e libertos.

Mas não é somente a influência feminina que Tácito utiliza para caracterizar o governante, vários elementos são somados, durante a narrativa, resultando em uma imagem de governo. Os *Anais* não apresentam uma narrativa linear, Tácito associa elementos diferentes para caracterizar cada um dos Imperadores da dinastia Julio-Cláudia. O imperador Cláudio, por exemplo, é caracterizado como um governante fraco fundamentalmente porque se deixa influenciar pelos libertos da *domus*. Mas é criticado ainda por não colocar sob seu estrito controle suas esposas Messalina (que casou com outro homem quando ele simulou se ausentar em viagem)⁸ e Agripina (que coordenou seu assassinato), entre várias outras razões que vão se acumulando em seu relato até que o resultado final seja uma imagem complexa e convincente de um mau governo dirigido por um péssimo governante.

Octávia, as enfeitam com flores, e as colocam no fórum e nos templos. Passam também a dar grandes louvores ao príncipe, e até o procuram para o ver e saudar. Já em grande chusma, e com grandes clamores inundavam o palácio, quando fortes patrulhas de soldados lhes saem ao encontro, os quais os ameaçam, e depois com as armas na mão os dissipam.”

“Inde crebri questus nec occulti per vulgum, cui minor sapientia et ex mediocritate fortunae pauciora pericula sunt. His *** tamquam Nero paenitentia flagitii coniugem revocarit Octaviam. Exim laeti Capitolium scandunt deosque tandem venerantur. Effigies Poppaeae proruunt, Octaviae imagines gestant umeris, spargunt floribus foroque ac templis statuunt. itur etiam in principis laudes, repetitum certamen venerantium. iamque et Palatium multitudine et clamoribus complebant, cum emissi militum globi verberibus et intento ferro turbatos disiecere.” (Tac. XIV, 60,6,7 - 61,1-4)

⁸ Tac. Ann. XI, 26-27.

Referências Bibliográficas:

Fontes:

TÁCITO. *Anais*. Trad. J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952. (Clássicos Jackson, Vol XXV).

TACITE. *Annales*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Société d'édition "Les Belles Lettres", 1953. 3vv.

Livros e artigos:

ALFÖLDY, Géza. *História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

BORNECQUE, H. & MORNET, D. *Roma e os Romanos*. Trad. Alceu Dias Lima. São Paulo: EPU, EDUSP, 1976.

CARCOPINO, Jérôme. O casamento, a mulher e a família: virtudes e vícios. In: _____. *Roma no Apogeu do Império*. São Paulo: Cia das Letras-Círculo do Livro, 1990, pp. 99-126.
CIZEK, Eugen. *Néron*. Paris: Fayard, 1982.

FAVERSANI, Fábio. As relações interpessoais sob o Império Romano: uma discussão da contribuição teórica da escola de Cambridge para o estudo da sociedade romana. In: CARVALHO, Alexandre Galvão (Org.). *Interação social, reciprocidade e profetismo no mundo antigo*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004, pp. 19-42.

FINLEY, Moses I. As Silenciosas Mulheres de Roma. In: _____. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, pp. 149-164.

FINLEY, Moses I. Entre a escravidão e a liberdade. In: *Economia e sociedade na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FUNARI, A.P.P.; FEITOSA, L.C. & SILVA, G. J.(Orgs.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

GRIFFIN, Miriam T. *Nero: The end of a dynasty*. London: Yale University Press, 1985.

JOLY, Fábio Duarte. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004.

LACY, Ricardo Martínez. *Historiadores e historiografía de la Antigüedad Clásica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

PARATORE, Ettore. "Tácito". In: *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa, S. J. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 721-745.

SALLER, R.; GARNSEY, P. *The Roman empire: Economy, society and culture*. London: Duckworth, 1987.

SCOTT, J. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988.

SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero, *Revista Brasileira de História*, nº 54. São Paulo, 2007, pp. 281-300.

VEYNE, Paul. "O Império Romano", in Philippe Ariès e Georges Duby (Org.), *História da Vida Privada*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1990, pp. 19-223.

WALLACE-HADRILL, Andrew. *The Imperial Court*. In: BOWMAN, A. K., CHAMPLIN, E. & LINTOTT, A. *The Cambridge Ancient History*. 2nd edition. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69. Cambridge University Press, 1996, pp. 285-308.